



## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DOS LEITORES NAS AULAS DE LITERATURA**

SOUZA, Fabiana Maria dos Santos (Autora)

Universidade Estadual da Paraíba

souza.fmsantos@hotmail.com

Dr<sup>a</sup> NEVES, Ana Lúcia Maria de Souza (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba

analiteraturasouza@yahoo.com.br

### **1 INTRODUÇÃO**

De acordo com a maioria dos documentos oficiais voltados para a escola básica, uma das principais funções do Ensino fundamental e médio é formar leitores. Desde as últimas décadas do século XX, inúmeras pesquisas no Brasil têm analisado e discutido questões relacionadas ao processo de formação de leitores na escola. Dentre esses estudos, destacam-se ainda hoje pelas relevantes reflexões, sobretudo no que diz respeito à abordagem do texto literário, o estudo de Rocco *Literatura e ensino: uma problemática* (1981); Chiappini em *A invasão da Catedral: literatura e ensino em debate* (1983); Aguiar e Bordini (1988) *Literatura: a formação de leitores- alternativas metodológicas*. Mais recentemente, destacamos o estudo de Luzia de Maria, intitulado *leitura & Colheita: livros, leituras e formação de leitores* (2008). A partir destas pesquisas, muitas teses, dissertações e artigos vêm sendo produzidos no país sobre como se dá o processo de formação de leitores na escola.

Paralelo a estes estudos, deparamo-nos como aluna do curso de Letras, durante os estágios no ensino fundamental e médio, com uma realidade de ensino/aprendizagem cujas propostas metodológicas pouco ou quase nada contribuem para a formação dos leitores.

Diante deste descompasso, este trabalho irá discorrer e refletir acerca da proposta metodológica observada num intervalo de tempo de 2 meses (de 16 de

---



abril a 11 de junho de 2014) durante a experiência de monitoramento das aulas de literatura em turmas do Ensino Médio, realizadas numa escola da rede estadual da cidade de Campina Grande, Paraíba, como exigência do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para o cumprimento do componente curricular de Estágio Supervisionado III. Tendo como principal objetivo lançar um olhar crítico sob o processo de ensino/aprendizagem no que diz respeito às práticas de leitura em sala de aula, tomando por base o que apontam os documentos oficiais como as Orientações para o Ensino Médio (OCEM), Zilberman (2009), Maria (2008), Pennac (1993), dentre outros. Também será abordada a importância do estágio supervisionado para a formação docente, pois é neste momento que o aluno da universidade entra em contato com o ambiente escolar e pode contrapor as teorias que são debatidas no contexto acadêmico à realidade da sala de aula.

## **2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LITERATURA: TEORIA E PRÁTICA EM DIÁLOGO**

**Como já determina o Art. 1º da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o estágio** visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. Ele é de fundamental importância para a formação do futuro profissional, já que propicia o contato direto com a atividade que este irá desenvolver ao sair da universidade, podendo, assim, durante este período aliar a teoria até então aprendida à prática real da vida docente, à sala de aula, como exige o Art. 1º da Lei nº 12.014, de 6 de agosto de 2009, para considerar alguém como um profissional da educação.

E foi a partir desta experiência vivida durante o estágio que pudemos perceber o quão problemático está o ensino de literatura no que tange a sua função de formar leitores. Apesar da preocupação unânime de todos os envolvidos com a educação em relação à questão da formação leitora dos estudantes, considerada imprescindível no contexto educacional e social, afinal, como a leitura e a escola têm uma relação de dependência, “a crise da leitura é igualmente uma crise da escola” (ZILBERMAN, 2009, p. 18), o trabalho na sala de aula revela a necessidade de um

---



olhar mais acurado para a questão de como vem se dando o processo de formação de leitores na escola.

Em decorrência disto, buscam-se vertiginosamente alternativas que auxiliem nas práticas de ensino/aprendizagem que favoreçam a formação leitora, mas como diz Pennac (1993, p. 13) “o verbo ler não suporta imperativo”, e quando se analisa as aulas de literatura percebe-se que é exatamente neste modo que os professores o conjugam, quando o fazem. No caso da experiência que vivenciamos no estágio, as aulas incentivavam a “decoreba” em vez da leitura de textos e obras. O livro didático não era utilizado, mas era como se o fosse, pois disponibilizava-se para os alunos cópias impressas, que exerciam a mesma função com breves resumos de textos literários assim como da biografia dos autores. Dispunham em seu corpo o que é criticado por Guimarães (2012) sobre os livros didáticos: a priorização do estudo das “Escolas literárias” e suas principais características; o contexto histórico e as mais importantes obras da época, que são apresentados como coisas dissociadas, sem esquecer, claro, que são listados os principais autores e apresentadas suas biografias.

A leitura, que é nosso enfoque aqui, era realizada, exclusivamente pela utilização de fragmentos de textos ou resumos de livros, tendo como objetivo a atribuição de uma nota, isto é, com fins avaliativos, sob a justificativa de que se tem pouco tempo em sala de aula para se ler uma obra completa ou que se for pedido aos alunos que leiam em casa, não o farão. Para se garantir o acesso do aluno aos conhecimentos considerados necessários para o cumprimento do que determina o “plano curricular” e, que serão necessários para a realização dos vestibulares, tal proposta era concebida pela professora da turma como a mais condizente.

### **3 ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DE LITERATURA**

A nosso ver, o caminho para a formação dos leitores na escola deve encaminhar-se por uma direção bem diferente da observada durante o período de estágio. Conforme refletem e apontam os estudiosos da área de ensino da leitura e da literatura, deve-se inicialmente repensar a concepção de leitura e de leitor, dentre outras que o espaço resumido deste artigo não nos permite discutir por hora.

---



Segundo Maria (2008, p. 51), uma proposta comprometida com a formação do leitor deve tomar a leitura "que nasce do horizonte de um compromisso político":

Uma leitura que não apenas ofereça respostas ao homem sobre sua própria realidade, mas que também instigue-o a colocar-se questões e o instrumento na busca de respostas e soluções; uma leitura que desinstale o homem da placidez e da acomodação e ao mesmo tempo seja capaz de torná-lo melhor. Melhor em sua relação com os outros, em sua relação com o meio, em sua relação consigo mesmo. Melhor no sentido de melhor praticar a sua "humanidade" (p. 51).

Maria (2008, p. 52) lembra-nos, ainda, que é importante que "o processo de formação de leitores não se confunda com o estudo da literatura", ou seja, que não se limite a grandes obras, meticolosas análises, que também se leve em consideração o aluno, o que pode interessá-lo, pois, apesar de saber-se da riqueza das obras consagradas, não se pode desmerecer outras leituras que podem ser tão produtivas quanto aquelas que estão no cânone. A autora fala que importa mais encontrar um texto que agrade ao leitor iniciante que obrigá-lo a ler tal livro até o final. Uma alternativa, como aponta Freitas (2005), pode ser o texto digital, que circula pelos meios virtuais, tendo como suporte a tela do computador, ele é de fácil acesso ao aluno e, através de um planejamento adequado pode sair do papel de vilão e se tornar um meio eficaz de letramento.

O francês Daniel Pennac (1993), que aborda, primordialmente, a questão da conquista do leitor, do partir da "não-obrigação", defende que o leitor não se forma por imposições, antes de ser um professor de literatura, o educador precisa ser um contador de histórias, instigando no aluno a vontade de saber mais sobre o enredo de uma obra. Para Pennac, lê-se, primeiramente, pelo prazer, depois de conquistado o leitor, é que se vai partir para o desenvolvimento da criticidade acerca daquilo que se lê.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi possível perceber a partir das reflexões sobre a vivência no estágio, não é um trabalho fácil trabalhar a leitura literária e, ao mesmo tempo, fazer com que os alunos se tornem leitores, agindo efetivamente sobre aquilo que leem, mas com base na reflexão dos teóricos apresentados, é possível, cabendo a cada professor

---



questionar qual (ais) proposta(s) metodológica(s) contribui (em) para a formação dos leitores? Mas para isto ele precisa repensar as concepções acerca da leitura, do leitor e da própria literatura. Também foi possível perceber que a experiência de estágio para futuros profissionais, docentes, neste caso específico, é de extrema importância para sua formação, pois é um momento rico que permite, além do contato direto com a função de docente, reflexões acerca da relação teoria/prática. Aos professores, sejam aqueles que exercem a profissão há muito tempo, sejam aqueles que estão na graduação, cabe aqui enfatizar a necessidade de nunca parar de estudar, pois só quando tornar a sala de aula o seu campo de pesquisa, encontrará as respostas que procuram.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: conhecimentos de língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. **Art. 1º da Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 132, n. 265, 25 set. 2008. Seção 2, p. 7.

BRASIL. **Art. 1º da Lei nº 12.014**, de 6 de agosto de 2009. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 6 de ago. 2009. Seção 1, p. 10.

FREITAS, M. T. A. Leitura, escrita e literatura em tempos de internet. In. PAIVA, A, et al (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2005, p. 155 – 173.

GUIMARÃES, R. B. J. O estágio curricular no curso de letras: o desafio de ensinar a ensinar literatura. In. MILREU, I & RODRIGUES, M. C. (Orgs.). **Ensino de língua e literatura: políticas, práticas e projetos**. Campina Grande: Bagagem/UFMG, 2012, p. 273 – 288.

MARIA, L. Leitura: uma concepção política. In. \_\_\_\_\_. **Leitura & Colheita: livros, leitura e formação de leitores**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 50 – 64.

PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In. ZILBERMAN, R. & RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 17 – 39.

---